

BANDO ESCOLÁSTICO DE 1956

Recitado em 5 de Dezembro pelo aluno José Torcato Alves de Almeida Araújo

Saibam quantos arrelam nos afeitos lombos
as correias dos bombos;
quantos lançam ao céu, por orbes e planetas,
o som das maçanetas;
quantos ficam basbaques, turvos, irritados,
na rua pespegados,
a dar murros na testa ou a bufar pirraças,
que não se abonam mais nem zangas, nem desgraças
e não se acaba nunca o teso arrepelão,
abalando a Cidade em grande estremeção!

Manda o S. Nicolau os bombos para a rua.
—E' a Festa Secular, que a Fama perpetua,
brunindo de oiro novo a Velha Tradição!

* * *

O' Velhos Nicolinos, que em lembrança e preito
andais no coração da Festa rija e brava,
a Saudade Vos chama e põe no nosso peito,
como a luz da candeia, à própria luz escrava!

Nicolinos de sempre, embora os que partiram
recitem junto a Deus o Bando alegre e moço,
ficaram junto a nós, porque entre nós sentiram
e viveram a Festa, em cáldo alvoroço!

Nicolinos do Além! Durante a vida inteira
a vossa alma de fogo andou como um Pregão,
a chamar a este amor a vida verdadeira,
que sente Guimarães no próprio coração!

Sois nossos, como o Sol pertence à madrugada!
Sois nossos, como um beijo que ficou lembrando!...
—Vinde connosco à Festa, em bombos celebrada,
em silêncio risonho, ao recitar do Bando!

* * *

Gente de Guimarães! Acabe-se a macaca!
Acabe-se uma vez o mal-estar de caca,
que nos ia atrando a todos para o lixo!
—A's portas do Mercado há «poses» para o bicho
e é tolice coçar as pulgas sempiternas!...
Para quebrar o encanto e o mau torpor das pernas
não há como sair da toca dos murganhos
e pintar o diabo, em moços arreganhos!
E' nossa a Mocidade, o Sangue, o entusiasmo.
—Não morre mais ninguém de brutidade e pasmo,
se tomar a pastilha quase gratuita,
que aos novos dá mais gana e aos velhos arrebita:
—é o remédio sabido... E em Guimarães as tascas
são mais que as traiçoeiras e milhentas cascas
de laranja a granel, nas ruas semeadas,
quando vem o seu tempo... Os santos varredores
juntam-se aos dois e três, a combinar o ataque
e desistem da empresa colossal, já que
quem vai p'ra varredor, com a vassoura e o cabo,
já não pode sequer co'um gato pelo rabo!...

Amém, para os fiscais, por trabalhosa glória!!!
—Juntinhos na Amorosa, aos treinos do Vitória,
enquanto não mudarem para o campo novo,
que, verdade se diga, até parece um ovo,
que não dá pintainho!... A coisa deu em chôco
e não há quem lobrigue Osório nem Tinoco!

O mesmo se não dá nas obras da Justiça.
—Aquilo, sim, lá vai! Até mete cobiça
ver subir as paredes que a Cidade anseia!
Não era muito mau prender numa cadeia
aqueles mandriões, de sangue e fé de lesma,
para quem Guimarães parece ser a mesma
cidade condenada, a Bela Adormecida,
que não quer acordar em sua nova vida!
—Os mándrios e uns sujeitos cujo riso alvar
é igualzinho em tudo ao próprio escoucinar!

Há tanto que fazer na nossa Terra à mingua
de tudo o que lhe falta!... Vá! Metam a língua
no estojo... em que se guardam coisas fedorentas,
que não servem senão para tapar as ventas,
ou p'ra adubar a salsa, os nabos e os pepinos.
—Deixem alanzoar os lorpas e os mais finos
e vamos trabalhar, sem medo à excomunhão,
que não vem de certeza, assim de pé p'ra mão!
—Do pé... pode vir coice. E vem, mesmo a dois pés,
com muita reverência e muitos tagatés!...
E' verdade que a aranha horrível e medonha
é capaz de tirar a negra e má peçonha
donde a abelha procura o mais doirado mel...
E por isso, é verdade, a história do Quartel
já não tem sombras más, não manca, nem emperra,
embora para lá dos montes da Falperra

haja assim um prurido, algumas comichões,
que custam a passar... Dizem os figurões
da boa medicina, que, se pega a sarna
em gente que se lava, até se rasga e escarna
o corpo co'a bicheza. E ourelo com as unhas!
—E' preciso meter aos santos muitas cunhas,
pedir favor ao céu e ter muita paciência!

Depois do mau jejum e longa abstinência,
a coisa agora vai! Podem juntar-se os crentes,
todos quantos tiveram sonhos excelentes,
quantos quiseram ter um «Berço» mais ditoso,
a embalar a esperança e a fé do «Venturoso»!

O pior é que sempre o mafarrico as tece
e, por melhor vontade, às vezes acontece
que a lama no Mercado atinge tal altura
e o pó e a porcaria tais e em tal fartura,
que é preciso mandar recados a Lordelo
e bradar nos jornais a incúria e o desmazelo!

—Para grande arrelia e muito maior dor,
já não há quem conserte o ouvido ao mercador...

Vai haver Rigoletto em Guimarães, ó gentes!
—Qualquer dia virão mais coisas surpreendentes,
mas coisa fina e boa e certa, para já,
foi aquele elegante e anunciado chá,
com convite à família, damas, damizelas,
para apresentação dos tachos e panelas!!!
—Santo Deus! Parem lá com o fadinho às lecas,
não vá lembrar-se alguém dum chá, mas em canecas!...

E já ia esquecendo aquela chuchadeira
do aumento da luz... Foi uma brincadeira
de alguém que se lembrou, por birra ou desfastio!
—O Espírito da Treva! O amigo do pavio!
—Qualquer coisa de mau que nem sequer percebo,
a tentar pôr a luz em tijelas de cebo!
E' bem certo que o mal, sem reprimenda, cresce-o.
—O que valeu foi ter o Grémio do Comércio
protestado rijo, em termos às alturas,
senão... ficava tudo em sombras muito escuras!...

Se alguém vir o processo... e houver alguém que o tosque,
era bem bom saber se o amor do tal quiosque
fica ou não no Jardim. Serviria p'ras pombas,
ou p'ra qualquer chumeco arremendar as tombas.
—Era uma nota viva e muito interessante
conservar o barraco e dar ao visitante
um cheirinho subtil de alor medieval,
ali logo no centro, a um lado do Toural!...

E pôr do outro lado um taipal encantado,
um monumento antigo e muito apreciado,
capaz de suscitar nacional int'resse,
que à boa arqueologia e a todos se oferece
e se está a perder na Rua Gil Vicente!...

Quando for ao Brasil, ó Senhor Presidente,
arranje um palhote ou mesmo uma jangada
dos bons, dos Nicolinos!... Seria uma embaixada
de sorriso e de sonho! O nosso amor, caramba,
seria no Brasil o interminável samba
do enlevo e da Saudade!, a Graça feiticeira!...
da mais linda aliança luso-brasileira!...
—Deixe-nos ir também! Aqui lhe prometemos
que à volta da viagem não despacharemos
monos de rabo azul, nem papagaios loiros.
—O que a gente queria era encontrar tesoiros,
no olhar ou no carinho, em grande e ardente troca
do amor de Guimarães, da alma carioca,
ao mais encantador e lusitano ensejo
dum beijo português em brasileiro beijo!
—Alma de Portugal, de novo na epopeia
da Mocidade em flor, em dádiva que anseia!

* * *

A ninguém esqueceu a essência da Saudade,
perfumando de lenda o Sonho Nicolino!
—Saudade e Tradição, Velhice e Mocidade,
evocadas em sons de verso alexandrino...

A ninguém esqueceram vultos do Passado,
de maçaneta ao alto, a Noite do Pinheiro
e o Sampaio na rua, o olhar iluminado,
à espera que chegasse o Bando e o Pregoeiro!

A ninguém esqueceu a borga furibunda,
o banzé infernal, a entrega das Maças
e a sã descompostura, a formidável tunda
do rabuja do Mestre, em ameaças vãs...

A ninguém esqueceu... Mas é preciso agora
deixar por uns momentos as lamúrias velhas
e remar para o Sol, como ao raiar da aurora,
se soltam para a luz as asas das abelhas!

A nossa Mocidade é o cântico infinito
duma alegria boa, ouvido em plenitude.
—O sonho se desnuda, em seu fulgor bendito
e doira de sorriso a boca à juventude!

Deixem-nos rir, então, ó velhos incapazes
de manterem de pé o já passado aprumo!
—As nozes e os bons dentes são para os rapazes...
Para vós da fogueira apenas resta o fumo!

E' triste que assim seja! Ao menos reparaí
no convite que é feito à vossa companhia.
O Pinheiro está firme! Vinde, que não cai,
nem verga, a fustigar a vossa alma já fria!

Mocidade! Amanhã! A Vida que se entrega,
como prêmio de amor a quem vai merecê-la.
—O amor de Guimarães, que à nossa honra lega
um porvir que se prende e vai de estrela em estrela!

Deixem que ande na rua a zaragata e o estrondo,
que não rebotarão os tímpanos dos moucos...
—Se achais que são demais os bombos, ide pondo
os ouvidos noprego. Os bombos são bem poucos!

Para o ano vereis o dobro ou ainda mais,
com o Sétimo Ano todo a zabumbar!
—Vai ser a tempestade, em roncões infernais!
—Vai ser tudo a cair, ao deslocar-se o ar!

A Festa é que não morre! E' nossa e são 'scusados
conselhos de bom senso e de maturidade...
—Os conselhos são bons... São frutos sazonados
e o amor da fruta verde é mais da nossa idade!...

Deixem-nos ser assim. Temos a Vida em frente,
para dar ao diabo as porvindoiras lufas.
—Temos tempo de ser o velho que se sente
regalado ao fogão, metido nas pantufas!...

* * *

E deixo para o fim o enamorado intento
de permitir que fique em vossas mãos, Senhoras,
o beijo e a cortesia ao bom acolhimento.

Deixai-nos presumir que as mãos encantadoras,
feitas para um carinho ou para dar ternura,
são hoje para nós aladas portadoras

da vossa simpatia e nossa grã ventura!
—Ficaremos devendo à vossa gentileza
o tributo que deve o amor à formosura!

Não é por um pregão de encanto e de beleza,
que se vai anichar no vosso coração
a homenagem prestada em sonho e singeleza...

Mas se alguma de vós estiver livre e não
desdenhar do rapaz, que sonha e que apregoa,
não tenho compromisso... e valho a estimação!...

Não sou qualquer pandilha a navegar à toa,
no mar das Carolinas ou qualquer Emília,
nem ando a ser doutor, p'ra ser levado à boa!...

—Quero ser bom marido e ter muita família!!!...

* * *

Siga o S. Nicolau ao ritmo e ao compasso
dos bombos a marcar os passos do cortejo!
—Não há por aí ninguém que tenha um bom cabaço,
que eu tenho tanta sede, ó malta, que nem vejo!

Saiba quem não ouviu este Pregão da praxe
e o mais que aqui se disse,
que pode ir ao diabo, ao raio que o rache
e à sua pasmacice!!!

FIM.

Casa da Renda, Novembro de 1956.

J. M. Pinto de Almeida.